



O SENTIDO DA CARITATIVA
D. LUIGI GIUSSANI



O SENTIDO DA CARITATIVA
D. LUIGI GIUSSANI



NA CAPA:

Fotografia de vista sobre Sidney
Fotografia de Caritativa na Bassa Milanese, Milão, Italia

PÁGINA 21:

Fotografia de Caritativa em Chelas

NA CONTRA CAPA:

Fotografia de D. Giussani

NA CAPA:

Fotografia de vista sobre Sidney
Fotografia de Caritativa na Bassa Milanese, Milão, Italia

PÁGINA 21:

Fotografia de Caritativa em Chelas

NA CONTRA CAPA:

Fotografia de D. Giussani

PREÂMBULO

Distantes da primeira edição — que apareceu em Milão em 1961 por obra da Juventude Estudantil — este breve opúsculo conserva intacto o seu valor de chamada de atenção de conteúdo e de método.

Ao reimprimi-lo, não foi efectuada nenhuma correcção, excepto nas referências a lugares específicos, que foram omitidos, e nos termos “raio”, “encarregado”, “JE”, que foram substituídos por “assembleia”, “responsável”, “CL”, etc...

PREÂMBULO

Distantes da primeira edição — que apareceu em Milão em 1961 por obra da Juventude Estudantil — este breve opúsculo conserva intacto o seu valor de chamada de atenção de conteúdo e de método.

Ao reimprimi-lo, não foi efectuada nenhuma correcção, excepto nas referências a lugares específicos, que foram omitidos, e nos termos “raio”, “encarregado”, “JE”, que foram substituídos por “assembleia”, “responsável”, “CL”, etc...



NOTAS



NOTAS

OBJECTIVO

I

Antes de mais a nossa natureza dá-nos a exigência de nos interessarmos pelos outros.

Quando há algo de belo em nós, sentimo-nos impelidos a *comunicá-lo* aos outros. Quando vemos outras pessoas que estão pior que nós, sentimo-nos impelidos a ajudá-las em algo nosso. Esta exigência é tão original, tão natural que está em nós mesmos antes de que estejamos conscientes dela, e chamamos-lhe justamente lei da existência.

Nós vamos à “caritativa” para satisfazer esta exigência.

OBJECTIVO

I

Antes de mais a nossa natureza dá-nos a exigência de nos interessarmos pelos outros.

Quando há algo de belo em nós, sentimo-nos impelidos a *comunicá-lo* aos outros. Quando vemos outras pessoas que estão pior que nós, sentimo-nos impelidos a ajudá-las em algo nosso. Esta exigência é tão original, tão natural que está em nós mesmos antes de que estejamos conscientes dela, e chamamos-lhe justamente lei da existência.

Nós vamos à “caritativa” para satisfazer esta exigência.

II

Quanto mais vivemos esta exigência e este dever, mais nos realizamos a nós mesmos; comunicar aos outros, dá-nos precisamente a experiência de nos completarmos a nós próprios. É tanto assim que, se não conseguimos dar, sentimo-nos diminuídos.

Interessarmo-nos pelos outros, comunicarmo-nos aos outros, permite-nos cumprir o dever supremo – mais ainda, único – da vida, que é realizarmo-nos a nós próprios.

Nós vamos à “caritativa” para aprender a cumprir este dever.

3. ORDEM

O que devemos comprometer é o *tempo livre* (e o mais a fundo possível). Duplo é o limite que mantém na ordem a genialidade do tempo livre:

- a) Não prejudicar o estudo (o trabalho)
- b) Não faltar ao respeito atento e à liberdade do outro dentro da família

Também aqui será o diálogo pessoal com a autoridade familiar e com a autoridade no Movimento que te ajudará a alcançar um critério para definir o teu tempo livre.

II

Quanto mais vivemos esta exigência e este dever, mais nos realizamos a nós mesmos; comunicar aos outros, dá-nos precisamente a experiência de nos completarmos a nós próprios. É tanto assim que, se não conseguimos dar, sentimo-nos diminuídos.

Interessarmo-nos pelos outros, comunicarmo-nos aos outros, permite-nos cumprir o dever supremo – mais ainda, único – da vida, que é realizarmo-nos a nós próprios.

Nós vamos à “caritativa” para aprender a cumprir este dever.

3. ORDEM

O que devemos comprometer é o *tempo livre* (e o mais a fundo possível). Duplo é o limite que mantém na ordem a genialidade do tempo livre:

- a) Não prejudicar o estudo (o trabalho)
- b) Não faltar ao respeito atento e à liberdade do outro dentro da família

Também aqui será o diálogo pessoal com a autoridade familiar e com a autoridade no Movimento que te ajudará a alcançar um critério para definir o teu tempo livre.

O momento único no qual podemos assimilar esta mentalidade com agilidade, pelo menos normalmente, é a juventude. É unicamente começando a fazer, a dar tempo *livre* como gesto integral da liberdade, é um modo como a caridade cristã se converterá em mentalidade, em convicção, em *dimensão* permanente.

Deve-se notar que a nós não nos interessa tanto a multiplicação de actividades ou a quantidade de tempo livre que se dedica. Interessa-nos sim que se afirme na nossa vida, na nossa consciência, o princípio do partilhar, compartilhar pelo menos mediante *algum* gesto, ainda que mínimo desde que seja sistematicamente previsto e levado a cabo. Por esta razão, para começar, bastaria inclusive ir uma vez por mês. No que se refere à periodicidade do compromisso é também bom consultar quem nos possa aconselhar correctamente na comunidade.

III

Mas Cristo fez-nos perceber o porquê profundo de tudo isto ao revelar-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. Ou seja, a lei suprema do nosso ser é partilhar do ser dos outros, é pôr em comum a si próprio.

Só Jesus Cristo nos diz tudo isto, porque Ele sabe o que é cada coisa, quem é Deus, de quem nascemos, o que é o Ser.

Só consigo explicar por inteiro a mim próprio a palavra "caridade", quando penso que o Filho de Deus, ao amar-nos, não nos enviou as suas riquezas, como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas fez-se míseros como nós, "compartilhou" a nossa nulidade.

Nós vamos à "caritativa" para aprender a viver como Cristo.

O momento único no qual podemos assimilar esta mentalidade com agilidade, pelo menos normalmente, é a juventude. É unicamente começando a fazer, a dar tempo *livre* como gesto integral da liberdade, é um modo como a caridade cristã se converterá em mentalidade, em convicção, em *dimensão* permanente.

Deve-se notar que a nós não nos interessa tanto a multiplicação de actividades ou a quantidade de tempo livre que se dedica. Interessa-nos sim que se afirme na nossa vida, na nossa consciência, o princípio do partilhar, compartilhar pelo menos mediante *algum* gesto, ainda que mínimo desde que seja sistematicamente previsto e levado a cabo. Por esta razão, para começar, bastaria inclusive ir uma vez por mês. No que se refere à periodicidade do compromisso é também bom consultar quem nos possa aconselhar correctamente na comunidade.

III

Mas Cristo fez-nos perceber o porquê profundo de tudo isto ao revelar-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. Ou seja, a lei suprema do nosso ser é partilhar do ser dos outros, é pôr em comum a si próprio.

Só Jesus Cristo nos diz tudo isto, porque Ele sabe o que é cada coisa, quem é Deus, de quem nascemos, o que é o Ser.

Só consigo explicar por inteiro a mim próprio a palavra "caridade", quando penso que o Filho de Deus, ao amar-nos, não nos enviou as suas riquezas, como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas fez-se míseros como nós, "compartilhou" a nossa nulidade.

Nós vamos à "caritativa" para aprender a viver como Cristo.

2. FAZER PARA COMPREENDER

Para compreender não basta *saber*, é preciso *fazer*, com aquela coragem da liberdade que consiste em aderir ao ser que vemos, ou seja à verdade.

Esta é a maturidade suprema, que se chama humanidade ou santidade. Para nos educarmos neste ideal, é mais difícil que seja útil o estar obrigado pela circunstância (o “dever” no sentido habitual).

O que me educa é o pequeno tempo livre. O que dá a medida exacta da minha disponibilidade aos outros é o uso que faço desse tempo que é só meu, no qual posso fazer “o que quiser”. Assim formaremos em nós próprios uma *mentalidade*, um modo quase instintivo de conceber toda a vida como uma partilha.

O pequeno tempo livre redime todo o outro. E, pouco a pouco, indo à caritativa começa-se a compreender melhor o colega da aula, o pai e a mãe, o colega de trabalho.

2. FAZER PARA COMPREENDER

Para compreender não basta *saber*, é preciso *fazer*, com aquela coragem da liberdade que consiste em aderir ao ser que vemos, ou seja à verdade.

Esta é a maturidade suprema, que se chama humanidade ou santidade. Para nos educarmos neste ideal, é mais difícil que seja útil o estar obrigado pela circunstância (o “dever” no sentido habitual).

O que me educa é o pequeno tempo livre. O que dá a medida exacta da minha disponibilidade aos outros é o uso que faço desse tempo que é só meu, no qual posso fazer “o que quiser”. Assim formaremos em nós próprios uma *mentalidade*, um modo quase instintivo de conceber toda a vida como uma partilha.

O pequeno tempo livre redime todo o outro. E, pouco a pouco, indo à caritativa começa-se a compreender melhor o colega da aula, o pai e a mãe, o colega de trabalho.

1. SABER PORQUÊ

Até que não saibamos bem, com clareza e simplicidade o porquê último, a finalidade do nosso fazer, não devemos estar tranquilos. O nosso objectivo é extrair de tudo o que fazemos o sentido, a ideia pela qual exclusivamente poderemos conseguir ser fieis, quando já não formos tão entusiastas ou não provemos o mesmo gosto.

Por conseguinte é necessário dialogar. Nas nossas assembleias, em grupos pequenos, com os responsáveis da comunidade, com as pessoas mais maduras e vivas. É sobretudo necessário estar em contacto e confrontar-se de tempos a tempos com o "centro".

CONSEQUÊNCIAS

I

A caridade é lei do ser e vem antes de qualquer simpatia e qualquer comoção. Por isso trabalhar pelos outros é nu e pode ser privado de entusiasmo. Até se poderia perfeitamente não produzir nenhum resultado "concreto", como é usual dizer. Para nós a única atitude "concreta" é a atenção à pessoa, a consideração da pessoa, ou seja, o *amor*.

Tudo o resto pode vir como consequência: tal como Jesus que *depois* fez milagres e deu de comer às pessoas.

Devemos advertir para dois pontos de partida não claros para a nossa abertura aos outros.

1. SABER PORQUÊ

Até que não saibamos bem, com clareza e simplicidade o porquê último, a finalidade do nosso fazer, não devemos estar tranquilos. O nosso objectivo é extrair de tudo o que fazemos o sentido, a ideia pela qual exclusivamente poderemos conseguir ser fieis, quando já não formos tão entusiastas ou não provemos o mesmo gosto.

Por conseguinte é necessário dialogar. Nas nossas assembleias, em grupos pequenos, com os responsáveis da comunidade, com as pessoas mais maduras e vivas. É sobretudo necessário estar em contacto e confrontar-se de tempos a tempos com o "centro".

CONSEQUÊNCIAS

I

A caridade é lei do ser e vem antes de qualquer simpatia e qualquer comoção. Por isso trabalhar pelos outros é nu e pode ser privado de entusiasmo. Até se poderia perfeitamente não produzir nenhum resultado "concreto", como é usual dizer. Para nós a única atitude "concreta" é a atenção à pessoa, a consideração da pessoa, ou seja, o *amor*.

Tudo o resto pode vir como consequência: tal como Jesus que *depois* fez milagres e deu de comer às pessoas.

Devemos advertir para dois pontos de partida não claros para a nossa abertura aos outros.

1. AJUDAR O OUTRO NAS SUAS NECESSIDADES

É um ponto de partida ainda incompleto! Qual é a necessidade do outro?

Vê-se claramente que é um posicionamento ambíguo, pois depende daquilo que nós queremos que seja a necessidade alheia: e se aquilo que eu levo não é verdadeiramente aquilo de que têm mais necessidade? Aquilo de que têm verdadeiramente mais necessidade não o sei eu, não o meço eu, não o tenho eu. É uma medida que não possuo; é uma medida que está em Deus. Por isso as "leis", as "justiças" podem chegar a esmagar, se esquecessem ou pretendessem substituir o único "concreto" que existe: a pessoa, o amor à pessoa.

DIRECTRIZES

Referir-se continuamente ao movimento, de outra forma é maior o perigo de perder a força na procura da ideia profunda que nos sustém no fazer pelos outros e é maior o perigo de desânimo, cansaço e infidelidade.

A *fidelidade* em confiar nas indicações do movimento e daqueles que são dele responsáveis, é o primeiro método e dará os seus frutos.

As directrizes que a este respeito Comunhão e Libertação dá:

1. AJUDAR O OUTRO NAS SUAS NECESSIDADES

É um ponto de partida ainda incompleto! Qual é a necessidade do outro?

Vê-se claramente que é um posicionamento ambíguo, pois depende daquilo que nós queremos que seja a necessidade alheia: e se aquilo que eu levo não é verdadeiramente aquilo de que têm mais necessidade? Aquilo de que têm verdadeiramente mais necessidade não o sei eu, não o meço eu, não o tenho eu. É uma medida que não possuo; é uma medida que está em Deus. Por isso as "leis", as "justiças" podem chegar a esmagar, se esquecessem ou pretendessem substituir o único "concreto" que existe: a pessoa, o amor à pessoa.

DIRECTRIZES

Referir-se continuamente ao movimento, de outra forma é maior o perigo de perder a força na procura da ideia profunda que nos sustém no fazer pelos outros e é maior o perigo de desânimo, cansaço e infidelidade.

A *fidelidade* em confiar nas indicações do movimento e daqueles que são dele responsáveis, é o primeiro método e dará os seus frutos.

As directrizes que a este respeito Comunhão e Libertação dá:

III

Mas Cristo está presente agora: Não “esteve”, não “nasceu”, mas sim “está”, “nasce” hoje: é a Igreja. A Igreja é Cristo, presente agora tal como Ele quis.

□ E a Igreja é a comunidade que nós formamos: justamente nós, pobres ligados a Ele.

□ Por isso a esperança nos sustenta: o próprio Deus está entre nós, está presente entre nós.

□ Um de nós disse durante uma discussão: “Continuo a ir à caritativa porque estão lá vocês”. É absolutamente verdade: precisamente o sentido do nosso estar juntos, o sentido da comunidade eclesial, o que nos faz lançarmo-nos entre os mais deficientes, nos asilos, junto de quem quer que tenha necessidades, e amanhã na fábrica, na cidade, na Europa, no mundo que é tão grande e O espera.

2. A AMIZADE

Também começar apontando para a amizade, com toda a ambiguidade que isso pode comportar é incompleto.

A amizade é uma correspondência que se pode encontrar ou não, um acontecimento não essencial para a nossa acção de hoje, embora essencial para o nosso destino final.

III

Mas Cristo está presente agora: Não “esteve”, não “nasceu”, mas sim “está”, “nasce” hoje: é a Igreja. A Igreja é Cristo, presente agora tal como Ele quis.

□ E a Igreja é a comunidade que nós formamos: justamente nós, pobres ligados a Ele.

□ Por isso a esperança nos sustenta: o próprio Deus está entre nós, está presente entre nós.

□ Um de nós disse durante uma discussão: “Continuo a ir à caritativa porque estão lá vocês”. É absolutamente verdade: precisamente o sentido do nosso estar juntos, o sentido da comunidade eclesial, o que nos faz lançarmo-nos entre os mais deficientes, nos asilos, junto de quem quer que tenha necessidades, e amanhã na fábrica, na cidade, na Europa, no mundo que é tão grande e O espera.

2. A AMIZADE

Também começar apontando para a amizade, com toda a ambiguidade que isso pode comportar é incompleto.

A amizade é uma correspondência que se pode encontrar ou não, um acontecimento não essencial para a nossa acção de hoje, embora essencial para o nosso destino final.

II

Ir junto dos outros livremente, o compartilhar um pouco da sua vida e pôr em comum um pouco da nossa, faz-nos descobrir uma coisa sublime e misteriosa (isto compreende-se fazendo!).

◀ E a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, *não somos nós quem os faz felizes*; e que nem sequer a sociedade mais perfeita, o organismo legalmente mais sólido e com a estrutura mais inteligente, a riqueza mais ingente, a saúde mais férrea, a beleza mais pura e a civilização mais educada, poderá jamais fazê-los felizes.

□ É um Outro quem os pode fazer felizes. – Quem é a razão de ser de tudo? Quem faz tudo? Deus.

E então Jesus não é somente aquele que anuncia a palavra mais verdadeira, aquele que me explica a lei da minha realidade, já não é somente a luz da minha mente; eu descobro que Cristo é o sentido da minha vida.

O testemunho de quem experimentou este valor é belíssimo: “Eu continuo a ir à caritativa porque todo o meu sofrimento e o deles tem um sentido”.

Quando se espera em Cristo, tudo tem um sentido, Cristo.

Isto é o que eu descobro, finalmente, no âmbito onde vou à “caritativa”, precisamente através da impotência última do meu amor: e é a experiência através da qual a inteligência entra a fundo na sabedoria, na verdadeira cultura.

II

Ir junto dos outros livremente, o compartilhar um pouco da sua vida e pôr em comum um pouco da nossa, faz-nos descobrir uma coisa sublime e misteriosa (isto compreende-se fazendo!).

◀ E a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, *não somos nós quem os faz felizes*; e que nem sequer a sociedade mais perfeita, o organismo legalmente mais sólido e com a estrutura mais inteligente, a riqueza mais ingente, a saúde mais férrea, a beleza mais pura e a civilização mais educada, poderá jamais fazê-los felizes.

□ É um Outro quem os pode fazer felizes. – Quem é a razão de ser de tudo? Quem faz tudo? Deus.

E então Jesus não é somente aquele que anuncia a palavra mais verdadeira, aquele que me explica a lei da minha realidade, já não é somente a luz da minha mente; eu descobro que Cristo é o sentido da minha vida.

O testemunho de quem experimentou este valor é belíssimo: “Eu continuo a ir à caritativa porque todo o meu sofrimento e o deles tem um sentido”.

Quando se espera em Cristo, tudo tem um sentido, Cristo.

Isto é o que eu descobro, finalmente, no âmbito onde vou à “caritativa”, precisamente através da impotência última do meu amor: e é a experiência através da qual a inteligência entra a fundo na sabedoria, na verdadeira cultura.